

Sapatos de Corda

Agustina

Podemos começar a contar uma história um dia antes, um ano depois, num lugar, ou noutro, com esta ou aquela personagem a envolver nos acontecimentos. O que determina que comece naquele dia, naquela hora, assim como começa? Escolhas: e escolher é limitar. Um plano traçado mentalmente: e um plano limita. Um desejo melancólico de ordenar os factos de um percurso no tempo, que não tem ordem.

Não simplifica a tarefa começar quando nasceu a personagem da história, porque há sempre um “antes” que nos leva até esse dia. Ou começar com a hora da morte, e andar para trás. O problema é o mesmo. Não há princípio nem fim, há um relato de um tempo retirado de outro tempo, ou tempos, que como bolhas de gás pairam no espaço negro do universo.

Desliza-me entre os dedos o pensamento, e nada é, nem muito nítido, nem provado. Apenas pressentido e esperado. Agoniza um tempo, e outro o vem cobrir, cheio de sombras e de assombro. Ainda podemos voltar atrás a visitar memórias, mas vão acabar por perder-se num imenso longínquo, sem gravidade nem luz. Quer sejam as memórias de família, quer sejam as memórias de amigos ou de antigos lugares visitados e civilizações.

Ficarão o dia e a noite a perpetuar a passagem do tempo. Mas a palavra que testemunha e canta o sonho, a luz do luar, o céu



*Minha Mãe comigo,
no Douro*

estrelado, os ventos, o pôr-do-sol no grande mar, as falésias, as florestas, os desertos, os dilúvios, os encontros, o amor, a saudade, a morte, a vida, a criança, os rios que correm, as mãos que se tocam, o fogo-de-artifício, a camélia perfumada, o cheiro das casas, o riso, sim, o riso, vai emudecer, e fica a imobilidade a habitar o mundo, e os anjos a sobrevoá-lo.

O tempo é uma nave sem governo, umas vezes avança, outras baloiça-se nas ondas oleosas. O tempo é uma perpetuidade cansada.

(Agustina Bessa-Luís, *As Categorias*,
Guimarães Editores, 1970)

Basta uma tímida agitação nas cortinas de flores para suspender o tempo, porque o tempo suspende-se quando a nossa atenção capta um sinal, e volto ao lugar da fotografia. Minha Mãe, sentada no chão, olha-me; eu, deitada sobre uma manta de lã, fixo o fotógrafo, meu Pai. Tinha seis meses.

Durante muitos anos, lembrava-me desse momento da fotografia, e ele ficou gravado dentro de mim, e acompanhou-me como uma marca, uma pequena cruz, desenhada na testa ou no peito do pé, com uma lágrima, quente e tingida de sépia.

Exactamente nesse mesmo lugar, vinte e seis anos antes, tirou uma fotografia meu bisavô Lourenço, com o filho António, e o

*Artur Nugent,
Lourenço e António,
no Douro*



amigo Artur Nugent. Brindavam com vinho tratado o fim das vindimas. A menina Maria Agustina nasceria dois anos depois, eu nasceria vinte e seis anos depois, e meus filhos, também ali fotografados no mesmo lugar, cinquenta e quatro anos depois. Ao fundo, vê-se a igreja de Godim, e o cemitério, onde a família descansa, no jazigo desenhado pelo bisavô Lourenço. Dos mais antigos já se perderam as ossadas, em pó, pelas vinhas contíguas ao cemitério, ou nos alicerces dos prédios que vieram destruir os caminhos estreitos entre quintas, que eram como canais de seiva que alimentavam as terras. Perderam-se esses caminhos, e perdeu-se a memória de caminhar neles, cortando distâncias, despertando sombras.

Minha Mãe vestia um *tailleur* azul, o mesmo com que foi fotografada no banco de xisto sob uma ramada de uva moscatel. Dali, via-se o vale de Jogueiros e as suas quintas.

Ao fundo, as Casas Novas, onde vivia a grande amiga de minha Mãe, a Maria Antó-



Minha Mãe no Douro

nia, companhia desses dias de espera e de recolhimento nem sempre desejado.

Batem agora onze horas, devagar, no relógio da sala — qualquer relógio numa sala qualquer. Este ano, sabes? — Apeteceu-me acreditar na velha tradição do Pai Natal, colocar um sapato no fogão, e esperar... esperar... Gostaria tanto de encontrar pelo menos um cartãozito com uns dizeres; assim, por exemplo: “impossível, o limite da idade já passou...” [...] Bem pobre, bem ridículo Natal o nosso, Maria Antónia — sem crenças graciosas e graves, sem o sapatinho das surpresas, e sem neve, até... Tal como é tudo, tal como nós somos — que tedioso mundo de mediocridade! Mas bem podem os nossos corações ser paisagem de lenda que sonhamos, com todas as flores exóticas de que se não sabe o nome, com todos os horizontes que os nossos olhos ignoram, com todos os sons de cristais, todos os gritos de aves preciosas, com todos os sentimentos de escassa valia no mundo rude dos vencedores.

(Carta a Maria Antónia)

As velhas casas, algumas delas encontravam-se já fechadas durante o Inverno, e praticamente abandonadas, entregues a caseiras molengonas, não de todo boçais, mas indiferentes a tudo o que lhes escapava como essencial. Abaixo, via-se a casa da Ferreirinha, a Quinta das Nogueiras, onde ela morreu. O comboio, ao fundo, atravessava o vale, ágil nas linhas prateadas, trazia e levava notícias, e gente parda e taciturna, apagada na paisagem, pronta a ser levada pelos ventos.

Nas vindimas, recomeçava o bailado da vida, como se todos acordassem de um encanto.

Eu passava grandes temporadas na quinta do Douro, em casa de meus Avós. Juntava-se um grupo de crianças de outras quintas, dávamos passeios de bicicleta, subíamos os montes a pé, a cavalo, corríamos entre os jazigos tombados de um cemitério abandonado, subíamos aos sótãos poirentos onde se guardavam fatos de

Carnaval, camas de ferro desmanteladas, mapas de tesouros, e morríamos de medo. Mas o lugar mais atraente para os passeios e aventuras era uma mata de carvalhos e azevinhos! A mata representava o lugar iniciático onde começava a educação com os jogos das crianças. Fazíamos ali piqueniques, e encenávamos aventuras de Robinsons e princesas, e em todas entrava a bruxa que vivia num casebre no meio da mata. A presença da bruxa, eles não sabiam, significava a voz da tentação, afinal. Ela era já o anúncio das coisas malignas que iriam contaminar o Paraíso.

Lembro-me de uma dessas casas espantosas, uma velha casa armoriada do século XVIII. No salão de baile ainda havia assentos de canto, em capitonê e forrados a seda cor de morango; na biblioteca, nas estantes até ao tecto, empoeiradas, humedecidas, permaneciam edições encadernadas e montes de revistas atadas com fio de ráfia; nos corredores amontoavam-se cadeiras desconjuntadas folheadas a ouro. As grandes telas de temas de caça, penduradas nas paredes da sala de jantar, negras e onduladas; no chão dos quartos fechados, excrementos de ratos pelos cantos, e malões esventrados. O labirinto de buxo em frente da entrada da capela, queimado, perdido para sempre, seria arrancado, e os cosmos iriam renascer todos os anos, invadindo fendas entre pedras e canteiros sem desenho, já.

No entanto, a dona da casa esmerava-se nos lanches reais que servia na mesa de *ping-pong*, debaixo da ramada do terreiro, aos meninos convidados dos filhos. Uma toalha branca movia-se levemente com a brisa escaldante, sumos de frutas de várias cores, bolos enfeitados com flores de massapão, sanduíches de queijo, fiambre e pepino, e rebuçados espalhados pela mesa; copos coloridos, pratinhos de porcelana de um serviço de bonecas da *Vista Alegre*, e garfos de prata. As caras suadas, a roupa amachucada, os sapatos sujos, sentávamo-nos em almofadas de *chintz*, e sabia-nos bem esse momento reconfortante, àquela hora quase triste em que o sol começava a declinar.

Um dia, fecharam-se os portões da Quinta. As silvas, as maias, o tremoço, as heras, alastraram mansamente cobrindo os cami-

nhos como panos de mortalha, entraram na casa abandonada, subiram as escadas, abraçaram os móveis, as cortinas, o jogo do monopólio, o comboio eléctrico, deslizaram por baixo do vestido da boneca espanhola; furou o telhado um sabugueiro que nasceria no chão da cozinha. À noite, as portas rangiam como se tivessem dentes, e a casa ia desaparecendo numa primitiva e solitária volúpia vegetal. Não há hino, nem parada militar, nem cavalgada no deserto, de efeito tão grandioso como este espectáculo, que só um duriense conhece. E se foge dele, para onde quer que vá, ele segue-o, invade-lhe as entranhas, e estrangula-lhe as artérias do coração.

Há sempre uma força misteriosa que vem espoletar esta fúria adormecida.

Tout est réálité, mais tout est vision.

(Victor Hugo, *Les Quatre Vents de L'Esprit*)

Na casa de meus Avós não se adivinhava nenhum aparato. Era uma casa grande, sim, mas de lavoura, a que meu bisavô Lourenço introduzira melhoramentos consideráveis para a época, quando a comprou, em 1911, e aí se instalou com a família, dedicando-se à agricultura e a negócios de vinhos. Tinham regressado de Castela em 1903, depois de catorze anos em Corrales, com *desilusões, porque estas são paga de quem muito espera do coração humano e não prevê as suas fraquezas...* mas ainda novos, e com ânimo para recomeçar.

A vida de meu bisavô Lourenço caminhou sempre de recomeço em recomeço. Vejo-a assim como uma partitura que minha Mãe interpretou nos seus romances.

Quando envelheceu e se retirou do trabalho de portos de mar e caminhos-de-ferro, foi dar ao Douro outra vez. Comprou em Godim uma casa, acendeu luzes em todos os quartos, pôs na sala um sofá de reps vermelho. A casa cheirava sempre a marmelo e a vinho prensado. Os lagares ficavam por baixo; e as

garrafeiras, nunca lá entrei, por frias e negras e com lendas espavoridas lá dentro.

Meu Avô Lourenço — quem pudesse interrogá-lo, com suspiros de doce contentamento, como quando se volta, depois dum dia fora de casa! Estas palavras são ramos de lírios e de rosas. Eu não disse que ele plantou um jardim e lhe pôs água encanada. Que melhor aventura para um homem que fizera pontes e estradas? E por fim plantou um jardim.

(Agustina Bessa-Luís, *Meu Avô Lourenço*)

Dali, daquele banco de xisto, ouviam-se as vozes, desde muito longe, do alto, de além-Douro, até; e a água que corria nos estreitos regos que a levavam dos tanques até às covas das laranjeiras. Ensombrou-a uma figueira secular de figos pingo-de-mel e uma velha aceroleira que secou no ano em que se vendeu a casa, em 1997.

A serenidade dessas três fotografias é aparente. Toda a imagem é uma aparência. Por trás dela há um fluido de vida que vem de trás, de uma profundidade, e se projecta num destino. A imagem move-se.

A *rocking chair* onde se baloiçava Germa, na Sibila, diz-nos, sabiamente, desse movimento ondulante do tempo....

A memória que eu tinha desse momento da fotografia foi-se diluindo, e desfez-se como o caracol murmurante de uma onda na praia. Hoje, já não me lembro daquele momento. Mas, olhando para ela, comovo-me, porque penso no tempo percorrido desde aí. Tantos lugares! Tantas vozes! Porque comove pensar no tempo? Ele não é mais do que um registo monótono da luz do Sol e da Lua, e nós estamos nele como peças amovíveis, cumprindo um movimento.

* *

Minha Mãe escrevia contos no quarto do mirante, onde eu nasci, a 13 de Maio, a lua em quarto crescente. As paredes do